

6

CONCLUSÃO

Tratar da questão da distinção entre o metafórico e o literal mostrou em primeiro lugar, que se trata de um ponto inconcluso, cujo tratamento inspira uma atitude, ao mesmo tempo, vigilante e ousada, tendo em vista que aderir, sem restrições, tanto à proposta de metáfora fundada quanto a de metáfora fundante, não são empreitadas que se possam abraçar muito comodamente. O motivo? Ambos os caminhos admitem dificuldades em torno do literal: Se acreditamos que sua delimitação é factível, como vencer sua resistência em deixar-se delimitar de forma minimamente eficaz? Se por outro lado, julgamos impossível a sua diferenciação com respeito ao metafórico, como ainda falar de metáfora, sem o seu oposto complementar? Consideramos que reside exatamente nesse aspecto o caráter sedutor do tema e que, certamente, continuará a render muitas pesquisas futuras.

As considerações levantadas por Agostinho a respeito do tema lançam mão de uma terceira via que mobiliza, frutiferamente, uma forma promissora de compreensão do jogo entre o literal e o metafórico, potencialmente capaz de deslocar o padrão de raciocínio tradicional, em que o componente literal se associa à estabilidade do signo lingüístico; e o metafórico, à deriva interpretativa e imprevisibilidade discursiva.

Como vimos no interior desta pesquisa, os filósofos contemporâneos adeptos de perspectivas não representacionistas tecem duras críticas a essa crença tradicional em uma distinção descontextualizada entre o literal e o metafórico, por defenderem a natureza *fundante* da metáfora e desacreditarem, em absoluto, a existência de um significado imanente à letra que possa ser eleito como o literal.

O modo de visão colocado pelas abordagens não-representacionistas, embora estas mantenham fortes elementos para uma reflexão sobre metáfora sob a ótica de sua natureza fundante, traz consigo a problemática de abrir espaço para uma certa permissividade no campo da interpretação, pois, já que ao significado recusa-se a qualquer estabilidade, ele se furta ao controle de qualquer interpretação, sendo possível a um texto atribuir uma multiplicidade indomesticável de interpretações.

No decorrer da pesquisa, observamos que as considerações que Santo Agostinho faz a respeito da prática de distinguir o metafórico do literal são em função de um objeto que ocupa lugar de primazia em toda a sua obra: as Escrituras Sagradas.

Buscando dar conta da difícil e ambiciosa tarefa de encaminhar uma interpretação bíblica que circunscrevesse, de fato, o cristianismo, Agostinho desenvolve um método interpretativo para as Escrituras Sagradas, que conta com a multiplicidade de sentidos que aparece sob diversas roupagens: alegórico, poético, literário, que se define como a base daquele que almeja um saber teológico e que, do ponto de vista apenas racional é extremamente exigente.

Foi interessante perceber que, embora seja herdeiro da tradição cuja prática de distinção entre o metafórico e o literal remete à ordem dos fatos empíricos, no método desenvolvido por Agostinho essa prática se dá a partir de uma ordem ético-religiosa. Ética e religiosa porque, segundo o que esse filósofo propõe, nas Escrituras Sagradas só se pode afirmar que uma expressão é literal se esta fizer referência a um ato de benevolência, tendo em vista ser a caridade o princípio por elas prescrito. Caso a expressão expresse algo contrário, certamente será metafórica.

Assim, a literalidade relaciona-se com um conceito ético-cristão que o interpretante pode ter ou não. Por esse motivo, o que garante a literalidade é também a fé cristã autêntica. Só por ela se acredita ser a expressão interpretada, o Verbo Divino, ou seja, a voz de Deus materializada.

Nessa perspectiva, o método de Agostinho, autorizando somente as interpretações que coloquem o leitor diante da revelação de uma postura coerente com a de um adepto da religião cristã, impossibilita que o processo de interpretação na escritura se transforme num jogo interminável. O limite da interpretação é a compatibilidade (ou incompatibilidade) do texto com a verdade da fé e a prática de caridade, que devem permear a trajetória do cristão. Nesse particular, Agostinho consegue oferecer uma resposta cristã a questões problemáticas da intencionalidade do intérprete e da validação das interpretações, questões altamente debatidas na contemporaneidade, mostrando que interpretar um texto é buscar a coerência de seu todo. Todo esse método de Agostinho está em prol de conter a deriva interpretativa no texto bíblico, que é repleto de metáforas, mas que, por conter os princípios doutrinários de uma tradição

religiosa, não se relega aos fins oratórios e poéticos. Faz-se necessário ter certeza da fronteira entre o sentido que se apresenta literal ou metaforicamente, pois a Escritura Sagrada é o imenso conjunto de signos abertos à interpretação, em que as coisas visíveis (terrenas) possuem analogia com as invisíveis (espirituais). Assim, toda sua interpretação deixa de ser exercida apenas sobre ela mesma mas exerce-se também sobre o homem, por ser seu manual de fé e conduta todo aquele que acredita que ela seja o Verbo Divino Encarnado. Daí, não se poder oscilar entre uma interpretação e outra. A fé e a conduta não podem ser ora metafóricas, ora literais. Não se pode deixar de destacar que as considerações sobre a metáfora que encontramos no *corpus* agostiniano, embora mantenham, em grande parte, o alinhamento com a visão tradicional, segundo a qual a metáfora é um artefato por nós inventado, também permitem, em certa altura da análise, inferir elementos para a admissão de uma natureza fundante da metáfora, posto que em muitas passagens mostra-se a metáfora com um potencial criador de uma realidade espiritual.

Se, por um lado, Agostinho crê na metáfora como fonte de confusão, sendo necessário estabelecer bem sua fronteira com o literal, sob pena de colocar diante do interpretante “trevas” que o levarão a caminhar por um sentido totalmente contrário àquele que a própria escritura prescreve, por outro lado, essa mesma metáfora permite, mesmo com toda imperfeição, o caminhar do plano sensível ao espiritual, este absurdamente incompreensível sob a ótica literal, e o compreender de certas verdades que só o seu efeito de *insight* permite alcançar.